



Memórias, confissões e reflexões: entre a formação teológica feminista e o ministério pastoral

Memories, confessions and reflections:
between feminist theological formation and pastoral ministry

Lori Altmann*

Resumo: A autora relaciona o desenvolvimento da teologia feminista na Faculdades EST e o ministério com ordenação de mulheres na IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil) desde suas dificuldades e desafios e pergunta-se pela repercussão da discussão feminista no estudo teológico para dentro da realidade do ministério de mulheres na igreja. A partir de sua experiência no trabalho missionário com povos indígenas, relata como aprendeu a ser feminista através de uma diferente forma de enxergar a realidade e as relações, bem como posteriores experiências com movimentos feministas.

Palavras-chave: Ministério eclesiástico. Teologia Feminista. Teologia da Libertação.

Abstract: The author relates the development of feminist theology at Faculdades EST and the ministry with ordination of women in IECLB (Evangelical Church of Lutheran Confession in Brazil) since its difficulties and challenges and questions herself about the impact of feminist discussion in theological study and into the reality of women's ministry in the church. From her experience in missionary work with indigenous peoples, she tells how she learned to be a feminist through a different way of seeing reality and relationships, as well as subsequent experiences with feminist movements.

Keywords: Church Ministry. Feminist Theology. Liberation Theology.

No diálogo entre os campos da Teologia e da Antropologia, é necessário o reconhecimento de que a subjetividade está presente em ambos e que a recomendação do uso

* Possui graduação em Letras (Licenciatura) pela Universidade de Passo Fundo - UPF (1974), graduação em Teologia pela Escola Superior de Teologia - EST (1982), mestrado em Ciências da Religião pelo Instituto Metodista de Ensino Superior, atualmente Universidade Metodista de São Paulo - UMESP (1994), mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (1999) e doutorado em Teologia pelo - PPG da Faculdades EST (2007). Professora da Universidade Federal de Pelotas. Email: lori.altmann@yahoo.com

da primeira pessoa no texto etnográfico, de certa forma, me autoriza a escrever um texto acessando a memória. Marilyn Strathern, levantando a questão de como se *conhece* quando se está em casa, fala em autoantropologia, mencionando que temos que considerar as bases sobre as quais a familiaridade e a distância se assentam são cambiantes.¹

A escrita sempre surge de um determinado lugar e toda a fala é situada, também biográfica, social e historicamente. Assim como a imagem na capa da pesquisa *Um esboço do Perfil da Pastora da IECLB*, desenhada pela colega feminista Gládis Gassen,² onde o espelho reflete a Rosa de Lutero e um fragmento do espelho reflete uma pastora vestindo um talar. De certa forma, a textualização funciona para nós como um espelho onde a imagem que vemos, muitas vezes partida e/ou parcial, não é aquilo que gostaríamos de ver.³

Olho para minha trajetória pessoal e de muitas outras colegas teólogas e pastoras e nos vejo entre o sentimento de orgulho e a memória de sofrimentos. Orgulho pelas experiências e conquistas coletivas, mas carregadas de muito sofrimento pelo esforço e desgaste que isso nos causou. Represento esse processo como uma longa gestação seguida de um parto com a alegria do surgimento de nova vida. Gestação esta que certamente ainda não terminou ou precisa ser renovada diariamente através de formas contemporâneas e criativas, conforme a clássica concepção luterana.

Nas distinções e explicações das diferentes posturas de acadêmicas de teologia e de pastoras sobre o referencial teórico metodológico feminista e o ministério feminino da IECLB, Fátima Weiss⁴ em sua pesquisa e André Musskopf em seu livro⁵ identificam discursos que refletiriam diferenças de época, geracionais, de histórias de vida particulares, de posições teórico/teológicas e políticas específicas. Eu diria que as divergências e diferenças poderiam ser identificadas como emergindo de diferentes contextos sociopolíticos e eclesiais entre tantas outras transversalidades.

Durante um bom período foi possível marcar uma linha de continuidade entre a formação em Teologia na atual Faculdades EST e o exercício do ministério pastoral na IECLB. Para boa

¹ STRATHERN, Marilyn Ann. *O efeito etnográfico e outros ensaios*: Marilyn Strathern. Trad. Iracema Dulley, Jamille Pinheiro e Luisa Valentini. São Paulo: Cosac Naify, 2014, p.133.

² JARSCHER, Haidi; ALTMANN, Lori (Coord.). *Um esboço do perfil da pastora da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB)*. Sociólogas responsáveis: Ms. Luz Maria Cabrera e Ms. Dornalli Purper. São Paulo: Traço a Traço, 1992.

³ NOVAES, Sylvia Caiuby. *Jogo de Espelhos: imagens da representação de si através dos outros*. São Paulo: EdUSP, 1993. Este livro é um estudo antropológico que busca compreender, a partir do povo indígena Bororo, como se constrói a autoimagem de uma sociedade, o modo como ela se imagina vista pelo olhar das outras pessoas ou grupos. A metáfora dos espelhos serve para ilustrar essa relação "caleidoscópica" da qual emergem representações multifacetadas e nem sempre coerentes.

⁴ WEISS DE JESUS, Fátima. *As mulheres sem tranças: uma etnografia do ministério pastoral feminino na IECLB*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, UFSC. Florianópolis, 2003.

⁵ MUSSKOPF, André S. *Teologia feminista de gênero na Faculdades EST*. A construção de uma área de conhecimento. São Leopoldo: CEBI, 2014.



parte de estudantes do bacharelado isso é ainda algo que se encontra no horizonte. Com exceções de pessoas de outras igrejas cristãs, outras religiões ou mesmo de pessoas sem religião que estudam na EST, a partir de seu reconhecimento pelo MEC. Com a implantação da pós-graduação, além do exercício do ministério pastoral surge a possibilidade do exercício profissional no campo da educação superior, como opção ou como um projeto alternativo.

No período em que estive no norte do país vivendo em comunidade indígena, a demanda pela contratação de uma teóloga e pela implantação de uma cátedra feminista ficou mais forte através da criação da Comissão PróTeóloga, viabilizada a partir da organização de estudantes no Centro Acadêmico Dr. Ernesto Schlieper – CADES, vindo a se concretizar em 1990, quando já estava em São Paulo. Acompanhei esta demanda esporadicamente durante minhas vindas ao sul, para visitas à família ou por ocasião de encontros de estudantes de Teologia, pastoras e catequistas.

Os impactos da implantação desta área de conhecimento na instituição são muito abrangentes e difíceis de mapear/relacionar. Temos pastoras e pastores, que a partir dessa formação feminista, assumiram comunidades atentas e atentos a temas como a importância do protagonismo das mulheres, de sua representação equitativa em presbitérios, ou ainda para perceber e acompanhar mulheres vítimas de violência e se empenhar no combate à homofobia onde quer que ela se manifeste. Entre as colegas cito e homenageio em especial duas amigas pastoras já falecidas: Gládis Gassen e Margarete E. Engelbrecht.

Gládis, depois de ter atuado na Comunidade de Porto Alegre em projeto ligado à saúde da mulher, abandonou o pastorado após uma separação matrimonial, por não estar disposta a sofrer um processo disciplinar pela direção da IECLB, quando sua vida pessoal poderia ser devassada. Apesar da lei de divórcio desde o final da década de 1970 já estar em vigor, uma separação de pastora gerava um processo disciplinar. Ela continuou, mesmo fora do pastorado, atuando na assessoria ao movimento de mulheres trabalhadoras rurais, a associações e sindicatos de empregadas domésticas e a organizações de profissionais do sexo.

Margarete, no cotidiano de sua atuação pastoral, enfatizou a busca por relações equitativas entre mulheres e homens. Engajou-se no reconhecimento do ministério feminino na IECLB. Ousou também acolher, em conjunto com sua comunidade, casais homoafetivos, levantando essa discussão dentro da IECLB, apesar de todas as resistências.

No campo político institucional, desde a década de 1970, as egressas da Faculdade de Teologia, depois denominada Escola Superior de Teologia, hoje Faculdades EST, e do PPG tiveram diferentes inserções e atuações. Uma dessas iniciativas foi a criação, na Pastoral Popular Luterana, da PPL Mulheres ou no CEBI, ao lado da leitura popular da bíblia, a leitura feminista da bíblia. Uma pastora assumiu como prefeita, outra como secretária de educação e tantas passaram a atuar em ONGs, entidades ecumênicas ou em instituições de Ensino Superior no Brasil e no

Exterior. Algumas poucas foram absorvidas (ou “aproveitadas” conforme termo utilizado em documentos da EST, na década de 1970) no ensino da Teologia na Faculdades EST.

A pergunta que fica é como esse referencial da Teologia Feminista e/ou de Gênero tem repercutido no exercício cotidiano dos atuais quatro ministérios dentro da IECLB (diaconal, catequético, pastoral e missionário), em seus diferentes espaços de atuação pelo Brasil afora. Tem ele gerado uma maior abertura para esta área de conhecimento, por parte de jovens estudantes que ingressam no bacharelado em Teologia na Faculdades EST, oriundas/os das diferentes comunidades da IECLB? Devemos considerar, por outro lado, que os ministérios são também assumidos por pessoas formadas em outras instituições teológicas de ensino reconhecidas pela IECLB, não apenas oriundas da Faculdades EST.

Em 1952, ano de meu nascimento, a primeira mulher matriculou-se na Escola de Teologia, mas, segundo a pastora e doutoranda em História na UNICAMP Haidi Jarschel,⁶ ainda assim com muitas restrições e condições. No final da década de 1960 a IECLB começa a incluir teólogos brasileiros no corpo docente e a preocupar-se com uma teologia contextual. Antes disso os teólogos e pastores vinham do exterior ou as tarefas pastorais em comunidades eram assumidas por pessoas leigas. Por contingência histórica e política aumenta o número de jovens estudantes brasileiros e neste contexto se percebe a presença também de mulheres no estudo da teologia. Musskopf marca esta década como da emergência da Teologia Feminista, ao lado de outras teologias da libertação. Destaca ainda que não existe uniformidade no campo da teologia feminista e/ou de gênero, mas uma “diversidade de temas, abordagens e perspectivas teóricas e metodológicas”.⁷

No final da década de 1960, inicio a participação na Juventude Evangélica (JE) da IECLB, no grupo local em Carazinho, RS, depois em âmbito Distrital e, ao final, passo a integrar o Conselho Nacional da Juventude Evangélica. Acompanhei uma das atividades promovidas pela Coordenação Nacional da JE, denominada Operação Impacto (OI), ocorrida no Espírito Santo (onde também estive, entre outras e outros jovens, a atual antropóloga da UFRGS, Dra. Cornélia Eckert), visando sensibilizar jovens para conhecerem e inserirem-se numa realidade sociocultural distinta da sua, jovens da IECLB vivendo no sul do país. Através da Juventude Evangélica, passo a contribuir no Ensino Religioso e na Escola Dominical, e foram estas experiências que me motivaram para o ministério pastoral, apesar da ausência da figura da pastora nos espaços da IECLB nos quais circulava.

Em 1970 concluí a então denominada Escola Normal que formava professoras para os ensinos fundamental e médio. Nessa época manifestei o interesse por cursar Teologia, mas não

⁶ JARSCHER, Haidi. Algumas reflexões sobre o ministério feminino. In: HOCH, Lothar C. *Formação Teológica em terra brasileira – Faculdade de Teologia da IECLB 1946 – 1986*. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades de Teologia da IECLB, 1986, p. 144.

⁷ MUSSKOPF, 2014, p. 22.



obtive apoio em minha família, na comunidade ou por parte do pastor local. Recomendaram-me a Casa Matriz de Diaconisas, pois o pastorado “não era profissão para mulher”. Sem ter coragem para assumir um rompimento, esperei a maioria e a conclusão da Faculdade de Letras, cursada na Universidade de Passo Fundo, RS. Curiosamente, apesar de fazer parte de uma linha teológica distinta, o missionário Pastor Alcides Jucksch foi o único que apoiou minha intenção, apresentando inclusive argumentos bíblico-teológicos. Por outro lado, é bom registrar que nos muitos documentos consultados a respeito da presença da mulher no pastorado, na IECLB nunca se utilizou argumentos teológicos para contestá-la.

Em 1974, quando ingresso na Faculdade de Teologia, éramos seis mulheres na turma e destas, apenas eu concluí o curso e mesmo assim muitos anos depois, ou seja, em 1982. Os motivos da desistência das mesmas foram diversos e não caberia aqui mencionar. Apesar dos dados de minha turma, Elaine Neuenfeldt afirma: “É a partir da década de 70 que as mulheres vão demarcar, de forma mais ativa, o seu espaço na formação teológica da Faculdade de Teologia da IECLB”.⁸

A década de 1970 está marcada pela influência da Teologia da Libertação com seu recorte de classe e com foco no pobre como sujeito genérico. Algumas teólogas feministas criticam a Teologia da Libertação, o que faz com que as especificidades, nesta diversidade de rostos, seja assumida e considerada na reflexão teológica: gênero, raça/etnia, entre tantas outras. O discurso nesse contexto era de luta, como bem aparece no título do livro de Mev Puleo, *The Struggle is One – Voices and Visions of Liberation* (1994), que entrevistou teólogos/os e ativistas da Teologia da Libertação e de Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) do Brasil. Também fui entrevistada por ela, em São Paulo, onde morava na época. Uma das perguntas formuladas pela autora a mim foi: *What differences do you notice in the theology being elaborated by woman in the first world and woman in Latin America?* Nós, na Faculdade de Teologia, demoramos a ter acesso à tradução de textos de teólogas feministas europeias e norte-americanas; poucas tínhamos a habilidade necessária em língua estrangeira para lê-los no original. Mesmo depois de conseguirmos acessar os textos onde localizamos as discussões teóricas e metodológicas feministas, buscávamos simultaneamente uma contextualização em nossa realidade política, social e eclesial.

Em 1976, no Curso de Indigenismo promovido pelo Conselho Indigenista Missionário – CIMI, em Goiânia/GO, tive a oportunidade de conhecer as Irmãzinhas de Jesus,⁹ da congregação de Charles de Foucault, que atuavam entre o povo indígena Tapirapé, no Mato Grosso.

⁸ NEUENFELDT, Elaine Gleci. Algumas reflexões sobre o ministério feminino. In: HOCH, Lothar Carlos; STRÖHER, Marga Janete; WACHHOLZ, Wilhelm. *Estações da Formação Teológica – 60 anos de história da EST*. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2008, p. 119.

⁹ JESUS, Irmãzinha Annie de. *Irmãzinha Madalena de Jesus: a experiência de Belém até os confins do mundo*. Trad. Irami B. Silva. Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 2012: “vida religiosa” ... “marcada pela familiaridade e pela convivência na amizade com a vida”... “partilhando tanto quanto possível do modo de vida deles e rezando no meio deles”, p. 26.

O trabalho missionário das Irmãzinhas era o único, vinculado à Igreja Católica, que era elogiado pelo campo da antropologia, por desenvolver uma proposta de inculturação e respeito à cultura e à religião indígena. Articulei a realização da primeira parte do estágio da Faculdade de Teologia em 1977 entre elas e a segunda entre o povo Kaingang na Terra Indígena de Guarita, RS, onde havia uma missão da IECLB. Fazia parte de um grupo de estudantes de Teologia, que solicitou estágio fora de paróquias tradicionais e em trabalhos alternativos, o que foi aceito pela Faculdade de Teologia. Após estas experiências de estágio, alguns grupos de estudantes da Faculdade de Teologia, reunindo elementos de várias vertentes, como a pastoral da enxada do Nordeste e a pastoral operária de São Paulo, elaboraram a proposta de Pastoral de Convivência, passando a realizar experiências concretas entre comunidades de pequenos agricultores, em periferias urbanas e entre povos indígenas.

Relato esta experiência de grupo para exemplificar como a discussão sobre a teologia feminista neste período ocorre muito vinculada a uma proposta eclesial popular e comprometida politicamente com setores da população entre os quais estas pessoas estavam inseridas. Foi neste contexto político eclesial, que Roberto Zwetsch, meu esposo, e eu fomos, em 1978, viver entre o povo indígena Suruí (ou *Paiter*, sua autodenominação) de Rondônia. Costumo afirmar que, a sua maneira, as mulheres deste povo ensinaram-me a ser feminista, ao explicitar a existência de relações de gênero diferentes da predominante em minha sociedade de origem.

Entre 1980 e 1988 minha família e eu vivemos na aldeia de Maronáua, no alto Rio Purus, Acre, do povo indígena Kulina (ou *Madija*, como se autodenominam). Neste período de vivência com uma cultura diferente enfrentei dificuldade para ser feminista nos moldes do individualismo ocidental (com base na luta por direitos individuais). Estabeleci diálogos com as mulheres kulina tentando captar sua percepção sobre as relações entre homens e mulheres em sua cultura e em sua realidade cotidiana. Tentei olhar a partir de dentro e, especialmente, identificar o ponto de vista delas como mulheres a partir de uma relação de amizade e de confiança.¹⁰

A experiência de ter um filho através de um parto de cócoras, realizado nas condições da aldeia, foi algo que me aproximou muito desse povo e em especial das mulheres que me auxiliaram no parto. Obedecer algumas das restrições da cultura kulina durante a gestação e cumprir a *couvade* juntamente com meu esposo após o parto, só fez aprofundar a proposta de convivência e de solidariedade. No entanto, meu ministério pastoral não era reconhecido pela IECLB, mesmo depois de ter realizado o exame na Faculdade de Teologia em 1982. Após a formatura, os colegas de minha turma foram enviados para campos de trabalho e um deles para pós-graduação no exterior, enquanto um colega e eu, por razões semelhantes, não recebemos envio.

¹⁰ VICTORA, Ceres Gomes. Método etnográfico de pesquisa. In: *Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000, p.55.

Depois de um longo período de embate pelo reconhecimento de meu ministério pastoral, efetivamente desempenhado na “missão entre o povo indígena Kulina”, este ocorreu em 22 de março de 1985, após grande mobilização do grupo de mulheres e de vários outros setores e pessoas na IECLB. Fui enquadrada na categoria “casal de pastores em um só pastorado” sem salário, nem direitos trabalhistas garantidos. Na verdade, formalmente continuava sendo considerada esposa de pastor e não pastora. Apenas a mim foi solicitado, pela direção da IECLB, que elaborasse uma proposta de trabalho, apesar de ser uma modalidade de atuação pelo casal.

Antes disso, em 1982 escrevi meu terceiro e último trabalho semestral, como exigência do curso de Teologia, intitulado: *A questão da mulher a partir das classes populares*, orientado pelo professor Lothar C. Hoch, que decidiu indicá-lo para a biblioteca, não tanto pela qualidade acadêmica, mas pela novidade da temática.¹¹ Percebam que a abordagem é sobre a “questão da mulher” ainda no singular genérico.¹²

Em 1988 após alguns embates com a direção da IECLB, pude realizar o Exame Pró-Ministério. Na turma, éramos três mulheres. Como destacou então o nosso colega de exame Vitor Westhelle: “A IECLB deveria refletir sobre o fato de que as mulheres, proporcionalmente, foram as que mais foram reprovadas”. Uma delas, hoje vice-presidente da IECLB, sofreu críticas por parte da banca a respeito do uso que fez da linguagem inclusiva em seu relatório de trabalho pastoral, documento que fazia parte da avaliação.

No Encontro de Pastorais, Estudantes de Teologia e Catequistas, ocorrido em 1988, no município de Cascavel, PR, mantivemos uma primeira conversa a respeito da necessidade de uma pesquisa que nos ajudasse a compreender nossa presença estrutural e pessoal no espaço do pastorado (éramos na época 34 pastorais atuando em paróquias, campos de trabalho ou fazendo pós-graduação). Esta pesquisa realizada inicialmente por uma socióloga mexicana e depois concluída por uma socióloga brasileira foi concebida de uma forma quantitativa. Avaliando seus resultados, chegamos à conclusão de que apenas uma pesquisa, que também abarcasse o universo masculino, portanto comparativa e relacional, e que fosse qualitativa, conseguiria explicitar as sutilezas de exclusões, injustiças e precarização nas condições de trabalho das mulheres no ministério pastoral na IECLB.

¹¹ Lothar C. Hoch escreveu, entre outras coisas, em seu parecer: “... um dos trabalhos mais importantes que já se produziram sobre o assunto dentro da IECLB. O seu mérito está (1) no enfoque dado ao tema, na medida em que ela situa a questão da mulher no contexto geral da opressão que se faz sentir na A.L.; (2) na maneira pessoal e engajada com que ela desenvolve o assunto, mostrando ter uma consciência aguçada para a problemática em pauta; e (3) no longo e incansável trabalho de ter reunido uma bibliografia vasta e atualizada sobre o assunto. Seguem as críticas quanto à forma, critérios de pesquisa, de conteúdo e de posicionamento”.

¹² Ver as quatro fases identificadas, em especial para o contexto latino-americano, por BRUNELLI, Delir. *Teologia e Gênero*. In: SUSIN, Luiz Carlos. *Sarça ardente – Teologia na América Latina: Prospectivas*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 209-218.



Em 1989 inicio Mestrado em Ciências da Religião no Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião, em São Bernardo do Campo, SP, na atual Universidade Metodista de São Paulo. Passo a integrar o Núcleo de Estudos Teológicos da Mulher na América Latina - NETMAL, que depois criou a revista *Mandrágora*, como forma de estimular e divulgar a produção teórica feminista. A discussão feminista não estava presente nos planejamentos das disciplinas e/ou nas referências indicadas pelos professores e orientadores do curso, no entanto, algumas mulheres solicitavam sua inclusão, o que em geral era aceito.

Neste período de 1989 a 1993, em que vivi em São Paulo, SP, pude vivenciar o feminismo como militância pública e em diferentes espaços e grupos. Particpei do Grupo de Estudantes de Teologia da Faculdade católica Nossa Senhora de Assunção, denominada Kunhaitê, e das manifestações do Dia Internacional das Mulheres, na época um mar lilás enchendo as principais ruas da cidade. Integrei o grupo Feminista Ecológico - Verde Lilás, com a colega Haidi Jarschel e outras feministas de diferentes áreas do conhecimento. Atuei durante alguns anos na Setorial de Mulheres do PT – Partido dos Trabalhadores.

Estive presente na constituição da ONG Católicas pelo Direito de Decidir no Brasil, com sede em São Paulo. Algumas pastoras da Igreja Metodista e da IECLB defenderam a mudança do nome para Cristãs pelo Direito de Decidir para que nos sentíssemos incluídas. O argumento usado contra esta proposta foi de que a tradição do movimento tinha sido de embate dentro da Igreja Católica e que, por suas características específicas, era fundamental manter este foco.

O início da década de 1990 é marcado por três Seminários de Teologia e Direitos Reprodutivos. O primeiro em 1992 em São Paulo, SP, o segundo em 1993 em Recife, PE, e o terceiro na Serra de Araras, RJ, de 20 a 23 de abril de 1994, denominado: III Seminário de Teologia e Direitos Reprodutivos – Ética e Poder. Por iniciativa do movimento Católicas pelo Direitos de Decidir – CDD, do Núcleo de Estudos Teológicos da Mulher da América Latina - NETMAL e do SOS Corpo começa a acontecer o diálogo entre teólogas e feministas sobre teologia feminista e direitos reprodutivos. Ainda lembro a surpresa das feministas de outras áreas do conhecimento a respeito das discussões e posições das teólogas feministas. Muitas dessas mulheres haviam se afastado ou tinham sido excluídas de suas igrejas de origem à medida que assumiram posições feministas. Lá estávamos também nós pastoras da IECLB!

No caso do III Seminário de Teologia e Direitos Reprodutivos passou também a integrar o processo de organização o “Programa Sofia: Mulher, Teologia e Cidadania”, do Instituto de Estudos da Religião – ISER, que encarregou-se da produção de um livro, que reuniria as diferentes contribuições de teólogas, pastoras, sociólogas, psicólogas, pesquisadoras e agentes

pastorais com atuação no campo da teologia e/ou dos direitos reprodutivos. O título ficou: *Corpo: meu bem, meu mal*, organizado por Rosângela Soares de Oliveira e Fernanda Carneiro.¹³

Consegui, finalmente em 1990, ver realizada minha ordenação ao Ministério Pastoral, ocorrida durante reunião do Conselho de Missão entre Indígenas – COMIN, em uma Comunidade no município de Camboriú, SC. No entanto, apenas em 1994 consigo a primeira atuação reconhecida e com todos os direitos garantidos pela IECLB, no Projeto Índios Desaldeados, do COMIN, abrangendo a região da grande Porto Alegre, RS, exatamente vinte anos depois de ter iniciado os estudos de Teologia! Este projeto ocorreu durante três anos e incluía em sua equipe uma Assistente Social, um advogado e eu como pastora.

No trabalho de conclusão de curso, nos dois mestrados e no doutorado não utilizei o referencial de gênero. Fui cobrada por minhas colegas feministas do NETMAL e da Faculdades EST. Aleguei despreparo de minha parte e dificuldade de orientação com este referencial. A professora Dra. Maria José Rosado Nunes, socióloga formada em Instituição Acadêmica Francesa, chegou a ministrar uma disciplina de Gênero no IEPG/SBC, SP, mas não assumia ainda orientações nessa instituição.

Por outro lado, esta área de conhecimento, com referenciais teórico-metodológicos próprios, não havia alcançado reconhecimento acadêmico em muitas instituições. Será que já adquiriu? Basta observar ataques recentes de setores evangélico-pentecostais e de setores católicos ao que está sendo denominado “ideologia de gênero” (sem, no entanto, ser apresentada uma definição do que entendem por ideologia!). Os setores evangélicos e católicos referidos acima ignoram a produção feminista existente, pois muito já se produziu, mas muito mais precisa ser produzido nesta área de conhecimento. Urge que os diferentes centros de formação teológica democratizem o acesso ao conhecimento teológico, entre os quais o conhecimento teológico feminista.

Em 2005, durante o doutorado em Teologia, fui participar e apresentar trabalho com colegas do PPG de Faculdades EST no Encontro Internacional Feminista, em Salvador, BA, com apoio institucional. Foi uma oportunidade de nos atualizarmos nas discussões feministas em diferentes áreas de conhecimento. Em 2013, Wanda Deifelt e eu coordenamos um Simpósio Temático sobre *Gênero e Religião*, no Fazendo Gênero 10, Congresso Feminista organizado pelas feministas da Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis, onde a diversidade de cores apontava para a ênfase nos debates com base na teoria *Queer*.

Na Faculdades EST, os Congressos de Gênero e Religião, os Encontros Estaduais de Teologia Feminista, as assessorias, as palestras, as publicações de livros e de artigos têm sido

¹³ ALTMANN, Lori. Poder e contracepção entre os nativos. In: OLIVEIRA, Rosângela Soares de; CARNEIRO, Fernanda. *Corpo: meu bem, meu mal*. III Seminário de Teologia e Direitos Reprodutivos: Ética e Poder. Rio de Janeiro: ISER/ Programa Sofia: Mulher Teologia e Cidadania, 1995, p.97 – 105.

desdobramentos da Cátedra Feminista, do Programa Gênero e Religião e do Núcleo de Pesquisas de Gênero. São impactos diretos e indiretos, resultantes da formação teológica feminista ofertada na Faculdades EST, no âmbito da graduação e da pós-graduação. Como não é um caminho de uma via só, recebemos contribuições nessas inserções fora deste contexto acadêmico e eclesial no qual atuamos e assim estamos sempre nos retroalimentando.

O “ministério pastoral feminino” tem sido temática de pesquisas em pós-graduações em outras instituições no Brasil e no exterior contribuindo na reflexão sobre o ministério de mulheres na igreja. Como exemplo cito a Dissertação de Mestrado em Antropologia de Fátima Weiss de Jesus, a Tese de Doutorado de Gerdi Nützel em Teologia, na área da História da Igreja e o Pós-Doutorado em História na UFSC realizado pela Pastora Dra. Claudete Beise Ulrich, egressa do PPG da Faculdades EST.

Gerdi Nützel escreveu um estudo comparativo sobre a história e a situação das pastoras luteranas na Igreja Luterana de Baviera (Alemanha Ocidental), Mecklenburg (então Alemanha Oriental) e na IECLB (Brasil). Em carta pessoal de 28/03/1982, Gerdi escreve sobre as pesquisas para sua tese, a respeito das pastoras da Igreja da Baviera, nos anos de 1945 a 1975. Segundo ela, o então bispo se utilizou de argumentos ridículos em relação às diferenças entre homens e mulheres, mas, como tinha poder de decisão, exigiu das pastoras vida e trabalho indigno, injusto e com muitas degradações. Elas percebiam o que ocorria, através da ideologia do sofrimento à maneira cristã e por esse motivo deveriam ser obedientes e não lutar por si mesmas. Falou ainda que, às vezes, ela quase não conseguia suportar ler uma carta após a outra. Nessas cartas ela via sempre as mulheres recebendo migalhas, ao pedirem alguma coisa, como se fosse um tipo de doce que se dá para uma criança ficar quieta.

Essa dificuldade apontada por Gerdi e esse sofrimento expresso por ela ao pesquisar algo tão próximo a si é o que muitas vezes tenho sentido ao falar da história feminista dentro da Faculdade EST e da IECLB. No entanto, desejo destacar que o protagonismo das mulheres na igreja fez vencer muitos desafios e alcançar várias conquistas que fizeram mudar a face da IECLB.

Apesar de todos os dilemas na articulação entre o feminismo de/em movimento, como atuação política e cotidiana, e a necessária produção acadêmica, entendo nossa atuação como docentes e discentes inseridas no ensino, na pesquisa e na extensão, também como uma forma de ação feminista. Como se pode observar, os desafios são imensos e talvez recém começamos uma trajetória de lutas que seguirá e deverá se aprofundar no futuro.

Referências

ALTMANN, Lori. *A questão da mulher a partir das classes Populares*. Trabalho semestral, apresentado como exigência do curso de Teologia e orientado pelo Prof. Dr. Lothar C. Hoch. São Leopoldo: Faculdade de Teologia da IECLB, 1992.

- ALTMANN, Lori. Poder e contracepção entre os nativos. In: OLIVEIRA, Rosângela Soares de; CARNEIRO, Fernanda. *Corpo: meu bem, meu mal*. III Seminário de Teologia e Direitos Reprodutivos: Ética e Poder. Rio de Janeiro: ISER/ Programa Sofia: Mulher Teologia e Cidadania, 1995, pp.97 – 105.
- BRUNELLI, Delir. Teologia e Gênero. In: SUSIN, Luiz Carlos. *Sarça ardente – Teologia na América Latina: Prospectivas*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 209- 218.
- JARSCHER, Haidi; ALTMANN, Lori (Coord.). *Um esboço do perfil da pastora da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB)*. Sociólogas responsáveis: Ms. Luz Maria Cabrera e Ms. Dornalli Purper. São Paulo: Traço a Traço, 1992.
- JARSCHER, Haidi. Algumas reflexões sobre o ministério feminino. In: HOCH, Lothar C. *Formação Teológica em terra brasileira – Faculdade de Teologia da IECLB 1946 – 1986*. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades de Teologia da IECLB, 1986.
- JESUS, Irmãzinha Annie de. *Irmãzinha Madalena de Jesus: a experiência de Belém até os confins do mundo*. Trad. Irami B. Silva. Vatgem Grande Paulista: Cidade Nova, 2012.
- MUSSKOPF, André S. *Teologia feminista de gênero na Faculdades EST*. A construção de uma área de conhecimento. São Leopoldo: CEBI, 2014.
- NEUENFELDT, Elaine Gleci. Algumas reflexões sobre o ministério feminino. In: HOCH, Lothar Carlos; STRÖHER, Marga Janete; WACHHOLZ, Wilhelm. *Estações da Formação Teológica – 60 anos de história da EST*. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2008.
- NOVAES, Sylvia Caiuby. *Jogo de Espelhos: imagens da representação de si através dos outros*. São Paulo: EdUSP, 1993.
- NUETZEL, Gerdi. Potencial transformador ou complemento de beleza? História do ministério feminino na IECLB. In: BIDEGAIN, Ana Maria (Org.). *Mulheres: autonomia e controle religioso na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 31-70.
- OLIVEIRA, Rosângela Soares de; CARNEIRO, Fernanda. *Corpo: meu bem, meu mal*. III Seminário de Teologia e Direitos Reprodutivos: Ética e Poder. Rio de Janeiro: ISER/ Programa Sofia: Mulher Teologia e Cidadania, 1995.
- PULEO, Mev. *The Struggle is One – Voices and Visions of Liberation*. Albany, NY: State University of New York Press, 1994.
- STRATHERN, Marilyn Ann. *O efeito etnográfico e outros ensaios*. Trad. Iracema Dulley, Jamille Pinheiro e Luisa Valentini. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- VICTORA, Ceres Gomes. Método etnográfico de pesquisa. In: *Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000, p. 53- 59.
- WEISS DE JESUS, Fátima. *As mulheres sem tranças: Uma etnografia do ministério pastora feminino na IECLB*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, UFSC. Orientadora: Dr^a. Maria Amélia Schmidt Dickie. Florianópolis, 2003.

[Recebido em : junho de 2015
Aceito em: julho de 2015]